
ARTIGO

A METAFÍSICA CONJETURAL DE MIGUEL REALE

Constança Marcondes CESAR

Se a fonte remota do pensamento de Miguel Reale é a obra de Kant, a fonte próxima da recente evolução de seu pensamento é a escola fenomenológica.

No texto que expressa de modo exponencial esta trajetória, *Verdade e Conjectural*¹, nosso autor busca "elaborar idéias metafísicas" que levem a compreender sujeito e objeto "na sua essencial correlação"².

A metafísica conjectural que Reale propõe consiste "numa tentativa de ir além dessa complicação dialética "do sujeito e do objeto, visando a algo que transcendentalmente a condicione..."³.

O ponto de partida da sua metafísica é a constatação de que o homem, na busca da verdade, se orienta por conjecturas. Reale começa por distinguir entre pensamento conjectural e discurso probabilístico, dizendo que o primeiro é apoiado em elementos qualitativamente considerados, em verossimilhança⁴, e recorre à imaginação, à intuição e à linguagem metafórica.

Negligenciado desde a Antigüidade - que privilegiou o pensamento analógico e probabilístico -, o pensamento conjectural não é um ceticismo, um relativismo, mas resulta da compreensão de que *verdade e conjectura* são termos complementares.

Quando há impossibilidade de se atingir diretamente o objeto visado, no plano do conhecimento ou da ação, a conjectura serve de fio condutor de reflexão; daí a volta, na filosofia contemporânea, ao mundo da vida e do senso comum, e à meditação sobre os futuríveis.

Reale pretende dar à conjectura não apenas a função de predição, mas "verificar se é possível atribuir ao pensamento conjectural um *status* lógico ou epistemológico próprio"⁵. Sua indagação encontra pontos de convergência com a temática da conjectura em Popper⁶, pondo em evidência o valor desta no que diz respeito à busca da verdade, e distinguindo-a do palpite gratuito.

A fonte kantiana do pensamento conjectural é evidenciada por nosso autor, quando este mostra que o pensador alemão, já na *Crítica da Razão Pura*, caracterizava a metafísica "como expressão de um raciocínio problemático"⁷, sem, contudo, abordar sistematicamente o assunto. O pensamento problemático, em Kant, exprime possibilidades lógicas; seu âmbito é delimitado por intuição e entendimento diversos do conhecimento racional; utiliza conceitos problemáticos, que abordam objetos não experienciáveis, mas passíveis de conhecimentos válidos, enquanto estes constituem princípios reguladores da razão pura. Kant estabelece correlações, ainda, entre pensamento problemático e pensamento analógico, fixando "as grandes linhas de uma metafísica problemática..."⁸, diz Reale, indagando sobre o sentido da história, da liberdade, da cultura⁹.

Um aspecto importante que o filósofo brasileiro põe em relevo, na obra de Kant, é a distinção entre *conjectura* e *quimera*: a conjectura "não contradiz a experiência, mas com ela se compatibiliza"¹⁰, tendo "o raciocínio problemático valor provisório, ou de mediação"¹¹.

O pensamento conjectural se caracteriza, segundo Reale, por quatro pontos: a) surge quando precisamos compreender o que não é abordável a partir das evidências empíricas; b) busca

transcender a experiência através do que é *plausível* aceitar, isto é, recusa contradições lógicas, recusa o absurdo; c) desenvolve-se no plano das *idéias*, porque não pode abordar seu objeto no plano dos *conceitos*; d) conjuga *intenção*, *recieriorialidade* e *imaginação*, para "pensar além daquilo que é conceitualmente verificável..."¹². É sempre tentativa de ir além da experiência, respondendo às questões *como se fosse possível* solucioná-las¹³.

Mais ampla que a probabilidade e a analogia, aliando razão e imaginação criadora, a conjectura busca superar a experiência, estabelecendo vetores de sentido.

O ponto de partida da metafísica realiana é Kant¹⁴; mas a filosofia de Reale quer ir além de Kant, colocando o pensamento conjectural como cerne de toda metafísica. Essa filosofia é, a seu ver, uma metafísica crítica, que "reivindica a validade do conjectural"¹⁵, afirmando-se como pluralista, hipotética e considerando a intuição como um dos elementos necessários do saber, mas só validade na medida em que se apresentar correlacionada aos outros elementos¹⁶. Tal metafísica não é ciência; esta última procede de problemas a soluções, enquanto aquela procede de problemas a conjecturas, isto é, "passa de um problema a soluções razoáveis ou plausíveis que envolvem outros problemas, até chegar-se a 'conjecturas fundantes'..."¹⁷. Seu objeto é a *validade*, não a *verdade* ou a *certeza*.

Recorrendo ao diálogo com a fenomenologia, especialmente a de Husserl e Merleau-Ponty, o filósofo brasileiro afirma a necessidade da metafísica e a faz desenrolar-se entre dois horizontes: o do âmbito da experiência e o da "transcendental razoabilidade", o de confronto com o transcendente¹⁸.

A validade da metafísica consiste em nos possibilitar uma certa perspectiva, uma apreensão mais clara de nosso desejo de transcendência e de significado, uma resposta às exigências espirituais de nossa época, uma "busca do sentido da *totalidade*..."¹⁹

Os temas privilegiados de sua metafísica são a liberdade, os valores, a cultura²⁰. Não se trata, aqui, de retomar o *cogito* de inspiração cartesiana; antes, deve-se buscar o que é comum a todos os eus, dialeticamente considerados, na sua relação inter-humana e na sua relação com o *Lebenswelt*. Ainda esse novo sentido da ontologia, inspirado em Hartmann, Husserl, Scheler, aparece na meditação de Reale sobre a ontologia dos valores²¹ e na sua leitura original do primeiro Heidegger, para quem a *temporalidade* e a *historicidade* são dimensões essenciais da existência humana.

A referência à corrente fenomenológica, pólo que marca o pensamento de Reale, não é contudo a de alguém que assume a escola como mero discípulo. A partir de Husserl, Heidegger, para além de Husserl, Heidegger: tal é a atitude de Reale, que estrutura uma filosofia própria. Correlacionando ontognoseologia e historicismo axiológico, nosso filósofo pretende "superar a atitude estática, puramente descritiva, do sujeito cognoscente perante a realidade, como ocorre na filosofia fenomenológica, para [levar] em conta a *originária historicidade do ser que conhece*"²².

Contra o *cogito* cartesiano, Reale põe o homem como um ser que pensa buscando alcançar novas verdades, novas realizações de seu ser, no tempo. A abertura para a *temporalidade* instaura o homem no mundo da *cultura*, do qual é inseparável. A permanente busca de aperfeiçoamento, de transcendência é também busca de comunicação, de intersubjetividade. Para além de Husserl, que postula o *eutranscendental*, Reale propõe a *intersubjetividade transcendental*, de um ser que se caracteriza pela *linguagem* e pela *abertura à alteridade*.

Por essa razão, reconhece que pensamento e linguagem, "atos concomitantemente individuais e coletivos [são] condicionados por quatro fatores, a saber:

- a) a consciência intencional (...)
- b) a natureza infinitamente determinável de algo (...)
- c) a igual natureza de todos os homens (...)
- d) a historicidade originária do homem (...) ²³.

Para Reale, o homem, ser perfectível, ser pessoal, tem como mundo o mundo da cultura, acervo espiritual comum, progresso em direção a valores - objetivados e traduzidos em obras criadoras, bens constituídos.

Dáí, criticando Husserl, Reale afirmar o pensamento conjectural, que "não pode (...) ser reduzido a mero momento provisório de uma intuição eidética, porque já assinala o ponto culminante de nossa meditação ontológica sobre a insuperável relação *eu-mundo*, ou o que vem a dar no mesmo, *espírito-natureza*" ²⁴. E ainda: "se, de um lado, a *Lebenswelt* condiciona as estruturas objetivas das ciências, estas, de outro lado, afluem ao mundo da vida, de tal modo que (...) ele se converte (...) em um mundo transformado segundo variáveis condições históricas" ²⁵. Há, desta forma, uma *dialética de complementaridade* entre a experiência estruturada segundo esquemas lógicos, culturais, dominantes em certo tempo ou história, e a criação de conjecturas e hipóteses.

As *conjeturas metafísicas*, enunciadas apesar de sua inverificabilidade, delineiam o horizonte do mundo cultural, uma vez que constituem "o *horizonte envolvente*, englobante da cultura" ²⁶.

Recorrendo ao conceito gadameriano de efetividade histórica, Reale medita sobre a correlação entre *valor e tempo*: o tempo histórico é *tempo axiológico*, a experiência da temporalidade humana é uma experiência de valores. Esses valores, apesar da multiplicidade com que se apresentam na história, são *constantes*

que asseguram a harmonia do mundo da cultura, porque, para Reale, há uma *identidade essencial do espírito humano*, apesar da pluralidade de indivíduos e de tempos. O tempo qualitativo, o tempo axiológico é o tempo da liberdade, que instaura, na natureza, o mundo da cultura.

No pensamento conjectural, a metafísica é "*o englobante fundamental da cultura*"²⁷, dado que possibilita o transcender do individual em direção ao *eu comum*.

Reafirmando, para além de Kant e da fenomenologia, a possibilidade da metafísica; pondo em relevo a importância do pensamento conjectural na busca da verdade e dos valores; meditando sobre o sentido ontológico da cultura e do tempo, Reale nos instaura no mundo qualitativamente considerado, no tempo propriamente humano, da inquietação pelo dever-ser e pela liberdade.

NOTAS

(1) Lisboa, Fundação Lusíada. 1996.

(2) id., p.13.

(3) id., pp. 13-16.

(4) id., p.15.

(5) id., p.18.

(6) id., pp. 18-20.

(7) id., p. 26.

(8) id., p. 31.

(9) id., p. 33.

(10) id., ibid.

(11) id., p. 34.

(12) id., p. 36.

(13) id., ibid.

(14) id., p. 37.

(15) id., p. 41.

(16) id., ibid.

(17) id., p. 42.

(18) id., p. 43.

(19) id., p. 113.

(20) id., p. 115.

(21) Veja-se, sobre isso, o importante artigo *Invariantes Axiológicas*.

(22) id., *Verdade e Conjetura*, p. 89. O próprio Reale assinala, em nota, na mesma página, os textos em que explicitou sua posição original: *Experiência e cultura*, caps. VI e VII: *Filosofia do Direito*, p. 87 e segs.; *Teoria tridimensional do Direito*, cap. V; *Introdução à Filosofia e Paradigmas da cultura contemporânea*, *passim*.

(23) id., p. 91.

(24) id., p. 97.

(25) id., p.100.

(26) id., p. 102.

(27) id., p.106.